

# RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO DO ANTIGO EGIPTO – O CASO DE ABU SIMBEL

**José das Candeias Sales\***

*«La première, la plus essentielle des tâches de l'égyptologie est, naturellement, de préserver, et, dans certains cas, de sauver l'héritage pharaonique»*

Serge Sauneron, *L'Égyptologie*, 2ª ed., Paris, PUF, 1978, p. 30.

22 de Setembro de 1968 e 10 de Março de 1980 são duas importantes datas no âmbito da salvaguarda e recuperação do património arquitectónico do antigo Egipto: assinalam, respectivamente, as inaugurações dos trasladados templos de Abu Simbel e do santuário de Filae nas suas novas localizações.

Estas datas evocam, por isso, um momento fulgurante da empresa quase desesperada que, nas décadas de 60 e 70 do século XX, percorreu o mundo em prol da salvaguarda da herança multimilenar da história da antiga civilização egípcia. Foram vinte anos que mudaram a história do Egipto, moderno e antigo.

Sob outra perspectiva, menos empolgante, marcam igualmente o *terminus* de uma conturbada fase do relacionamento político e ideológico que sacudiu fortemente o mundo saído da II Guerra Mundial e que, de certa forma, podia ter terminado de forma bem mais negativa, inclusive com o recurso a armas de destruição em massa (bomba atómica).

Considerada como indispensável nos planos económico e energético do Egipto dos anos 50 e 60 do século XX, a Grande Barragem construída

---

\* Universidade Aberta.

em Assuão foi o *leitmotiv* de todas estas múltiplas e antagónicas manifestações. A grande obra trouxe consigo, nomeadamente, uma série de ameaças ao património construído do antigo Egipto e da antiga Núbia que não fora a intervenção empenhada e especializada da UNESCO teria desaparecido para sempre, submerso pela impiedosa subida das águas do Nilo.

A bem sucedida e sem precedentes campanha de salvaguarda e recuperação do património arquitectónico então realizada, grandiosa epopeia da boa vontade dos homens, tornou-se um exemplo paradigmático da associação entre, por um lado, a arte antiga do tempo dos faraós e, por outro, a tecnologia moderna. Entrementes, a política, a ideologia, a solidariedade e a cooperação internacionais deixaram também, de forma indelével, marcas da sua acção.

Reflectir hoje, mais de quarenta anos volvidos, sobre esses acontecimentos é um extraordinário exercício de análise e avaliação do impacto e dos problemas inerentes às relações entre desenvolvimento, património e história, tão em voga nos nossos dias.

### **A construção da Grande Barragem de Assuão: quando o «progresso», a técnica, a política e a ideologia se cruzam**

A 14 de Maio de 1964, o então Presidente da República Árabe do Egipto, Gamal Abdel Nasser (1918-1970), no poder praticamente desde a abolição da Monarquia e na altura no apogeu da sua carreira política não só no Egipto mas também no mundo árabe do seu tempo<sup>1</sup>, lançou a primeira pedra da construção daquela que foi anunciada como «a mais poderosa força hidroeléctrica do planeta», isto é, a segunda barragem de Assuão, conhecida apropriadamente como a Grande Barragem de Assuão (Saad el Aali, *Sadd al-'Ali*)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O rei Faruk I (1936-1952), fortemente apoiado pelos Ingleses, acabou por abdicar do poder a 26 de Julho de 1952, três dias depois do golpe de Estado chefiado por oficiais do Exército egípcio. Em 1953, foi abolida formalmente a Monarquia (1849-1952) e proclamada a República (18 de Junho), inicialmente sob a liderança do major-general Mohamed Naguib (1952-1954). Nasser, então tenente-coronel, tomaria o poder no ano seguinte como primeiro-ministro (18 de Abril de 1954), vindo dois anos depois (23 de Junho de 1956) a ser eleito Presidente da República, cargo que ocuparia até à sua morte (28 de Setembro de 1970).

<sup>2</sup> A Grande Barragem de Assuão foi, realmente, a segunda a ser edificada nesta região sul do Egipto. A primeira (a «Antiga Barragem», Es-Saad), com 30,50 m de altura e capacidade

Acompanhado do Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Sergheievitch Khruchtchev (1894-1971), Nasser assinava o início de uma nova etapa do ambicioso plano decidido e negociado nos anos cinquenta do século XX, no âmbito de fortes movimentações e intenções políticas e ideológicas.

A construção-inauguração da Grande Barragem de Assuão culminava e ilustrava de forma perfeita a complexa rede das relações internacionais da época, que tivera justamente essa obra, em determinado momento, como sua pedra de toque. De facto, quando G. Nasser participa como convidado na Conferência Mundial Afro-Asiática de Bandung, na Indonésia (Abril de 1955), e manifesta o seu apoio à política de não alinhamento, o que significava uma concordância com uma intervenção activa na definição das grandes questões da política internacional sem adesão aos blocos americano ou soviético<sup>3</sup>, isso deteriorou de tal forma as suas relações com o Ocidente que os E.U.A.<sup>4</sup>, a Inglaterra e a França recusaram o financiamento-empréstimo negociado para o projecto da grande construção de Assuão (200 milhões de dólares americanos).

---

para 1 bilião de m<sup>3</sup> de água, fora construída por engenheiros ingleses (o autor do projecto foi Wellicocks) na passagem do século XIX para o século XX (1898-1902) e inaugurada a 10 de Dezembro de 1902. Entre 1907 e 1912, uma vez que se mostrava já insuficiente, esta primeira barragem foi ampliada (elevação de 5 metros acima do nível da água retida a montante de Assuão). O mesmo aconteceria entre 1929 e 1934 (mais 6 metros suplementares). A partir de então, a primeira barragem de Assuão ficou com 41,50 m de altura e uma capacidade de retenção de 5 biliões de m<sup>3</sup> de água. A segunda barragem fica a c. de 8 Km a montante da primeira (Cf. Maurizio Damiano-Appia, «20. La folle équipée des temples nubiens» in *L'Egypte ancienne* 2. *Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, p. 163).

<sup>3</sup> A Conferência de Bandung assinala oficialmente a tomada de consciência do papel que o Terceiro Mundo poderia desempenhar nas relações internacionais, depois do fim da Guerra da Coreia e da da Indochina e do aparente clima de entendimento entre a China e a Índia em relação ao Tibete. Pela primeira vez, tinha lugar uma grande conferência de países do Terceiro Mundo sem a presença dos EUA, da URSS e dos estados europeus. De forma clara, todos os países presentes condenaram o colonialismo, «em todas as suas manifestações». A questão do não-alinhamento e da coexistência pacífica (respeito pela integridade territorial e pela soberania, não agressão, não ingerência nos assuntos internos de cada país, reciprocidade no tratamento dos problemas, etc.) deu lugar a inúmeras divisões e posições. O clima gerado pela conferência conjugado com a coincidência com o início das emancipações coloniais numa série de regiões viria a permitir a formação do Movimento dos Não-Alinhados (MNA), cujos líderes mais destacados durante os anos da Guerra Fria foram Jawaharal Nehru (Índia), Sukarno (Indonésia), Kwane Nkrumah (Gana), SekouTouré (Guiné), Josip Broz Tito (Jugoslávia) e Gamal Abdel Nasser (Egipto).

<sup>4</sup> No caso americano, o bloqueio veio expressamente, a 19 de Julho de 1956, do Secretário de Estado da Administração de Eisenhower, John Foster Dulles (1888-1959).

O Egito estreita, porém, a partir de então, os laços financeiros e tecnológicos com a União Soviética e, mesmo com a forte oposição da França, da Inglaterra e de Israel, nacionaliza o canal de Suez para, dessa forma, beneficiar exclusivamente das portagens relativas à circulação de embarcações e, assim, obter lucros para o projecto da barragem. Ficará célebre a frase de decisão-desafio de Nasser: «*Daqui em diante, o Canal é nosso, só nosso*» (26 de Julho de 1956<sup>5</sup>). Era a resposta inequívoca aos EUA. Uma resolução da ONU resolveria o assunto de forma favorável para os interesses egípcios, ou seja, reconhecendo os seus direitos ao usufruto das portagens dos navios que atravessassem o canal.

Mas cerca de três meses depois (29-31 de Outubro de 1956), aproveitando a situação da rebelião popular húngara que concentrava a atenção e os esforços soviéticos<sup>6</sup>, Israel lança um ataque de surpresa contra os territórios egípcios do Sinai, em colaboração com os governos inglês e francês. Estes autorizam bombardeamentos a aeródromos egípcios na zona do Canal de Suez e preparam uma eventual invasão do Egito a partir de Chipre. O objectivo primordial de todos estes episódios militares era precisamente o restabelecimento das antigas possessões inglesas e francesas no Canal de Suez<sup>7</sup>.

Face ao ataque das tropas franco-britânicas em Suez, os Russos ameaçaram atacar Paris e Londres com armas atómicas se a operação egípcia não fosse suspensa. O perigo de eclosão de uma III Guerra Mundial esteve iminente. Em Dezembro do mesmo ano (5 a 22 de Dezembro de 1956), as forças inglesas e francesas acabaram, porém,

---

<sup>5</sup> Repare-se no pormenor do dia em que foi feita esta declaração: 26 de Julho – quatro anos antes, Faruk I anunciara a abdicação. Em apenas quatro anos introduzira-se uma enorme alteração na ordem política interna egípcia, com as consequentes implicações na ordem externa.

<sup>6</sup> A revolução húngara teve lugar entre 23 de Outubro e 14 de Novembro de 1956. Em consequência da violenta reacção soviética, morreram 25 000 húngaros e 7 000 russos, sendo o primeiro-ministro da Hungria, Imre Nagy (1896-1958), deposto e substituído por János Kádár (1889-1989). A tensão política entre a Hungria e a URSS deixou marcas nos Jogos Olímpicos de 1956 (Melbourne): quando as equipas de pólo aquático de ambos os países se encontraram nas meias-finais, o jogo descambou num violento e sangrento combate de boxe entre os atletas.

<sup>7</sup> Além da invasão da Hungria pela URSS, estes acontecimentos da cena política internacional tiveram também repercussões nos Jogos de Melbourne: o Egito, o Iraque e o Líbano boicotaram os Jogos devido à invasão israelita do Canal de Suez. O boicote foi também seguido pela Holanda, pela Espanha e pela Suíça. A China também não compareceu em represália por o Comité Olímpico Internacional ter reconhecido Taiwan.

por retirar do Egipto, permanecendo, contudo, os israelitas no Sinai até Março do ano seguinte.

A construção da Grande Barragem de Assuão vingava as hesitações e recusas do Banco Mundial, reavivava extraordinariamente o orgulho nacionalista egípcio-árabe e instituía-se em símbolo maior da luta do Terceiro Mundo (sobretudo, do mundo árabe) pela sua emancipação e por uma participação activa e empenhada na discussão e resolução dos assuntos internacionais, nomeadamente quando estava em causa o Médio Oriente.

Com o estudo e a execução do projecto confiados à União Soviética, a construção arrancou, realmente, a 9 de Janeiro de 1960, embora oficialmente a primeira pedra tenha sido lançada quatro anos depois, em Maio. A URSS pagaria 1/3 do valor total da obra de Assuão<sup>8</sup>.

Seis anos após o lançamento da primeira pedra, a 15 de Janeiro de 1971, era inaugurada, já pelo Presidente Anwar el-Sadat (1918-1981<sup>9</sup>), a Saad el-Aali. Estava concluído o «13º trabalho de Hércules», a «oitava maravilha do mundo», numa prodigiosa realização da moderna tecnologia cujas colossais dimensões – «faraónicas», no sentido adquirido pelo termo – falam por si: 3,6 Km de comprimento, 111 m de altura, 980 m de largura na base e 40 m no topo, capaz de reter 157 biliões de m<sup>3</sup> de água, com a cota máxima das águas nos 182 m.

Em termos de volume de água em reservatório, a Grande Barragem de Assuão é mais de 31 vezes superior à antiga barragem (depois da remodelação de 1929-34) e uma das maiores barragens do mundo<sup>10</sup>. Mas a sua grandiosidade não fica por aqui: a massa de 42,7 milhões de m<sup>3</sup> de granito, argila e areia, que fazem com que tenha um volume dezassete

---

<sup>8</sup> Em Janeiro de 1958, um acordo financeiro assinado entre o Egipto e a URSS estipulava uma ajuda de 710 milhões de rublos e a assistência técnica de especialistas do Instituto Hidroprojecto de Moscovo.

<sup>9</sup> Período da Presidência da RAE por Sadat: 1970-1981. Em 1978, Mohamed Anwar el-Sadat recebeu o Prémio Nobel da Paz, conjuntamente com o Primeiro-Ministro de Israel, Menachem Begin (1977-1983), em reconhecimento pela negociação e assinatura do tratado de paz egípcio-israelita (Acordos de Camp David: 5-17 de Setembro de 1978), com mediação da Administração norte-americana chefiada por Jimmy Carter (1977-1981). A linha política extrema não perdoaria a Sadat este acordo com Israel e acabou por o assassinar, em 1981.

<sup>10</sup> Para sermos completamente rigorosos, é a quarta maior barragem do mundo, apenas suplantada pelas de Owen Fall, no Uganda (204,8 biliões de m<sup>3</sup>), de Bratsk, na Rússia (169,3 biliões de m<sup>3</sup>) e de Kariba, no Zimbabué (160,4 biliões de m<sup>3</sup>).

vezes superior ao da Grande Pirâmide de Khufu, no planalto de Guiza<sup>11</sup>, instituem-na como uma das maiores obras em pedra jamais erguidas pelo homem.

Como barragem de atenuação de cheias (classificação quanto ao uso), a Grande Barragem de Assuão destinava-se objectivamente a reter provisoriamente grandes volumes de água que, caso continuassem a passar para jusante, iriam continuar a inundar terras e propriedades. Falava-se em 850.000 hectares de terras desérticas aproveitadas para a agricultura. Por outro lado, com a enorme quantidade de água acumulada era possível efectuar uma irrigação controlada e produzir energia eléctrica.

A central hidroeléctrica situada junto da barragem tem uma potência de 2 100 000 KW e uma produção de energia eléctrica anual compreendida entre os 10 e os 12 biliões de Kwh<sup>12</sup>. Cerca de metade da energia eléctrica que se consome actualmente no Egipto é fornecida por Saad el-Aali.

A montante da Grande Barragem, com a subida das águas entre 120 e 180 m, surgiu uma das maiores bacias artificiais do mundo, com uma superfície de 5248 Km<sup>2</sup>, os seus mais de 500 Km de comprimento e uma largura que varia entre os dez e os trinta Km e com uma profundidade de c. de 90 m, a que os Egípcios, compreensivelmente, chamam «lago Nasser»<sup>13</sup>. No Sudão, nos seus últimos 150 Km, o lago é conhecido como lago Nuba.

### **Vantagens e desvantagens da Saad el-Aali: uma eterna polémica**

O lago Nasser nascia, segundo os seus promotores, para o bem do Egipto, uma vez que aumentaria enormemente a superfície cultivável do

---

<sup>11</sup> Cf. *Ibid.*, p. 163; *Id.*, «Nasser (lac)» in *L'Egypte. Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Egypte et des civilisations nubiennes*, Paris, Gründ, 1999, p. 194.

<sup>12</sup> Cf. *Ibid.*, p. 194.

<sup>13</sup> O maior lago artificial do mundo é o lago Volta, no Gana, com uma superfície de 8500 Km<sup>2</sup>; segue-se depois o lago Kariba, entre a Zâmbia e o Zimbabué, com 5400 Km<sup>2</sup>, e, logo de seguida, o lago Nasser, de que c. de 380 Km se situam em território do actual Egipto. Em apenas quarenta anos de existência, o lago Nasser tornou-se um mito, um *mare incognita* e uma imensa reserva natural (Cf. Jean-Paul Mari, «Egypte. Les secrets du Haut Nil» in *Le nouvel Observateur*, nº 1993, du 16 au 22 janvier de 2003, p. 10).

país (falava-se na sua duplicação<sup>14</sup>) e que, com a regularização do fluxo hídrico do Nilo, estenderia a irrigação e eliminaria as desastrosas inundações que desde a Antiguidade assolavam o país. Resolvia-se, assim, de um só golpe, o grave problema da seca que ameaçava todo o Norte de África, permitia-se a navegação do Nilo todo o ano em toda a sua extensão e sustentava-se uma taxa de crescimento demográfico que se chegou a cifrar em 2,8 % ao ano (isto é, um milhão de habitantes por ano). Era, sob vários pontos de vista, uma revolução trazida pela República.

No entanto, os anos posteriores mostraram que nem tudo eram, de facto, vantagens: se é verdade que se aumentaram as terras aráveis em território egípcio, não é menos verdade que o solo se tornou menos fértil, pois deixou de se verificar a jusante da barragem a deposição dos sedimentos carregados de nutrientes necessários à agricultura que o Nilo traz consigo, mas que deixa, agora, a montante da barragem.

Infelizmente, não se trata apenas de um conflito entre quantidade e qualidade. A carência deste limo natural que durante milénios fertilizou o Egipto e fez a sua fama – lembremos, apenas, a conhecida opinião de Heródoto, para quem o Egipto era «a dádiva do Nilo», face à quase mágica e abençoada inundação de Verão<sup>15</sup> – obrigou à utilização de produtos químicos substitutos que queimam, por vezes de forma irremediável, o solo. Houve anos em que a média nacional egípcia se cifrou em 319 Kg/hectare<sup>16</sup>.

A ausência da cheia regular impediu, logicamente, uma irrigação extensa e profunda dos solos. Isso, por si só, facilitou a infiltração dos adubos químicos que foram afectando cada vez mais os lençóis freáticos que alimentavam os canais de drenagem e o próprio Nilo

O aumento da produção agrícola – uma das principais bandeiras da construção da Grande Barragem – é, portanto, sob vários pontos de vista, um assunto extremamente polémico. Com o passar dos anos, tornou-se mesmo incontornável o círculo vicioso de cariz negativo iniciado: a fértil terra, desde sempre fertilizada pelo aluvião nilótico, atingiu níveis de

---

<sup>14</sup> Com cerca de 900.000 Km<sup>2</sup>, o Egipto dispunha de apenas 4 % de terrenos cultiváveis (isto é, 38.000 Km<sup>2</sup>).

<sup>15</sup> Cf. Heródoto, II, 19.

<sup>16</sup> A média internacional, por muitos considerada já elevada, é de c. de 200 Kg/hectare (Cf. Tahani Abdel Hakim, «Nourrir autant de citadins que de fellahs» in *Geo*, nº 163, Setembro de 1992, p. 91).

saturação irreversíveis; para os combater aumentou-se vertiginosamente a quantidade de químicos lançados sobre as terras o que constituiu, de outra forma, uma sobrecarga para elas. Tudo isto enquadrado no problema-chave num país de desertos como o Egipto, ou seja, a exiguidade das superfícies agrícolas.

Ademais, se se ganharam milhões de hectares susceptíveis de aproveitamento agrícola também se perderam milhões de hectares devido ao quase desenfreado crescimento urbano. Aliás, a expansão da agricultura e o desenvolvimento urbano, com as consequentes alterações das estruturas e infra-estruturas de apoio que implicam, são considerados por muitos especialistas os maiores problemas que se colocam à própria preservação do património arquitectural egípcio<sup>17</sup>.

Na região norte do Egipto, no delta, o controlo das águas doces do rio Nilo facilitou a progressiva e continuada penetração das águas salgadas nas terras aluviais. A modificação dos níveis de salinidade alterou radicalmente o equilíbrio ecológico da região, com um impacto catastrófico sobre a actividade piscatória na foz do Nilo (diminuição drástica da sardinha, que antes se alimentava dos nutrientes transportados pela corrente), atraindo mesmo alguns tubarões, coisa rara no passado. Sem os milenares aluviões, o delta retrai-se.

É hoje indesmentível que depois da construção da Grande Barragem de Assuão o delta do Nilo tem vindo a pagar uma enorme factura, com os problemas decorrentes da erosão costeira e da submersão e salinização de antigas terras agrícolas, nomeadamente as que se situavam em braços abandonados do rio. O aumento geral da salinidade devido à redução dos fluxos de água doce lançados no Mediterrâneo alterou inclusive os próprios padrões de circulação das águas principais do mar Mediterrâneo.

A propalada transformação profunda na agricultura e na economia egípcias que a Grande Barragem de Assuão traria, com o consequente encaminhamento do país para a via da moderna industrialização, é, pois,

---

<sup>17</sup> Cf. Shehata Adam. «Problems related to the preservation of egyptian antiquities in Egypt» in *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981*, Paris, IFAO, 1981, p. 165. Já em 1968. Serge Sauneron fazia alusão a este fenómeno da expansão demográfica, da urbanização e do desenvolvimento como ameaça à preservação do património (Cf. Serge Sauneron, *L'Égyptologie*, 2ª ed., Paris, PUF, 1978, pp. 32, 33).

um assunto com inúmeras perspectivas e cambiantes e nem sempre é fácil defender integralmente e sem reservas qualquer delas.

Para os seus detractores, filha de um tempo em que o binómio custo-benefício se sobrepunha claramente aos factores ambientais, a barragem de Assuão é um exemplo de estudo perfeito da deficiente avaliação dos impactos negativos<sup>18</sup>. Questionam inclusive a sua eficácia como barragem-reservatório, uma vez que a forte evaporação que a afecta (perda média calculada em 12 % do débito do Nilo – cerca de 10 biliões de m<sup>3</sup> de água/ ano) faz descer significativamente os «programados» benefícios.

O progressivo assoreamento da barragem pelos aluviões produzidos pela erosão das bacias vertentes, situação inevitável em quase todas as barragens, é outro dos males que afecta Saad el-Aali: prevê-se que em 2005 (ou seja, 35 anos depois da sua inauguração) metade do seu reservatório esteja preenchido por sedimentos transportados pelo rio Nilo. Nalguns casos, a acumulação de sedimentos atinge já mais de 35 m de altura e ameaça as próprias turbinas da barragem.

Porque na época da sua construção a preocupação com os estudos ecológicos não era levada em linha de conta, a segunda barragem de Assuão provocou, bem a jusante, a quebra brutal da pesca da sardinha no Mediterrâneo. Em certas regiões do vale do Nilo, registou-se uma significativa diminuição do potencial agrícola. Mais grave ainda, o impacto negativo da obra de Assuão fez-se sentir numa dramática extensão da bilharziose<sup>19</sup>. Por vários motivos, a vida ribeirinha do Nilo tornou-se mais difícil. A Grande Barragem de Assuão desequilibrou o ecossistema.

---

<sup>18</sup> Historicamente, só depois da Conferência de Estocolmo (1972) é que se passou à concepção de uma política ambiental mais global, ou seja, no ano seguinte à inauguração da Grande Barragem de Assuão. Aprovada durante a Conferência da ONU sobre o meio ambiente humano, a Declaração de Estocolmo conferiu um papel de relevo à dimensão ambiental como condicionante e limitação ao próprio modelo de crescimento económico e ao uso dos recursos naturais. Pela primeira vez, a comunidade internacional discutia o meio ambiente global e as necessidades de desenvolvimento como um binómio essencial dos países industrializados e em vias de desenvolvimento e proclamou-o de forma bem clara: «A protecção e o melhoramento do meio ambiente humano é uma questão fundamental que afecta o bem-estar dos povos e o desenvolvimento económico do mundo inteiro, um desejo urgente dos povos de todo o mundo e um dever de todos os governos». Em resultado desta Conferência, foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

<sup>19</sup> As doenças hídricas (bilharziose, malária ou paludismo, oncocercose, etc.) continuam a ser a primeira causa de mortalidade humana no mundo. A bilharziose (ou esquistossomose) é uma das principais doenças transmitidas pela água. O caracol existente em águas estagnadas é o hospedeiro desta doença, cujo ciclo inclui o Homem.

Mas, porventura, ainda mais terrível do que estes graves aspectos dos efeitos do «monstro de betão» de Assuão foi o desaparecimento da região da Baixa Núbia e dos seus milhares de anos de história: com a subida das águas, dezenas de povoações (41 aldeias) foram submersas para sempre e 60 000 habitantes perderam as suas terras. O governo egípcio transferiu-os para uma pequena zona no Alto Egipto – «Nova Núbia» –, a 50 Km ao norte de Assuão, entre Kom Ombo e Edfu, na proximidade do deserto<sup>20</sup>. Estes deslocamentos de população são sempre processos traumatizantes com custos, por vezes, bem superiores aos da própria obra que os provoca. As populações transformam-se, muitas vezes, em «exilados em aldeias sem alma»<sup>21</sup>.

As águas do lago Nasser submergiram a identidade do povo núbio e silenciaram para sempre uma região que viu desenvolverem-se extraordinárias civilizações: a de Kerma, a dos faraós negros com os reinos de Napata e Meroé, a dos reinos cristãos de Nobatia, Makuria e Aloa, a dos reinos muçulmanos dos Funi<sup>22</sup>.

Mesmo no território egípcio, devido à nova barragem, a cheia (devastadora ou escassa) deixou de pesar sobre a existência quotidiana do *fellah*, mas quebrou igualmente os seus laços milenares com o rio. Em apenas vinte anos, a Grande Barragem alterou a íntima associação milenar, quase orgânica no Egipto, do Homem, da terra e da água. A barragem conseguiu fazer aquilo que os invasores, da Antiguidade à Contemporaneidade, nunca conseguiram. Se Heródoto visitasse hoje o Egipto não observaria mais a mesma realidade e seguramente não consideraria o Egipto como uma dádiva do Nilo... Talvez considerasse mesmo que o Nilo perdeu a sua memória ao perder o seu anual milagre natural...

---

<sup>20</sup> Um grupo significativo foi também deslocado para Kachem el-Guba, na região nordeste do Sudão.

<sup>21</sup> A expressão é usada por Mireille Gognoux, repetindo as palavras da jornalista egípcia Samia Abbas acerca dos Núbios deslocados: «(...) exilés sur une montagne aride dans des villages sans âme». (Cf. Mireille Gignoux, «Le peuple nubien naufragé du lac Nasser» in *Geo*, nº 163, Setembro de 1992, p. 92).

<sup>22</sup> O drama humano núbio foi, durante muito tempo, ocultado pelo Estado egípcio, sob Nasser e sob Sadat, com apertadas proibições e censura aos jornalistas egípcios e aos correspondentes de imprensa estrangeiros acreditados no Cairo (Cf. Jean-Pierre Péroncel-Hugoz, «L'identité nubienne sous les eaux du lac Nasser» in *L'Egypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 11-17).

## A salvaguarda do património arquitectónico

A subida do nível das águas colocou também um novo problema: a salvaguarda do extraordinário património arquitectónico do Egipto e da Núbia antigos, localizado a sul da Grande Barragem – vide **mapa 1**. De facto, já com a construção e as sucessivas obras de ampliação da antiga barragem muitos templos situados a sul de Assuão ficavam imersos durante uma parte significativa do ano<sup>23</sup>. Com a construção da grande barragem tal efeito aumentou extraordinariamente e punha em risco de submersão definitiva um número ainda maior de «tesouros núbios»<sup>24</sup>.

A possibilidade de perda para sempre dos inestimáveis tesouros arqueológicos da Baixa Núbia face ao «progresso» técnico moderno levou os governos egípcio e sudanês, em Abril de 1959, a pedir a intervenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com o objectivo de salvar os monumentos arqueológicos ameaçados<sup>25</sup>.

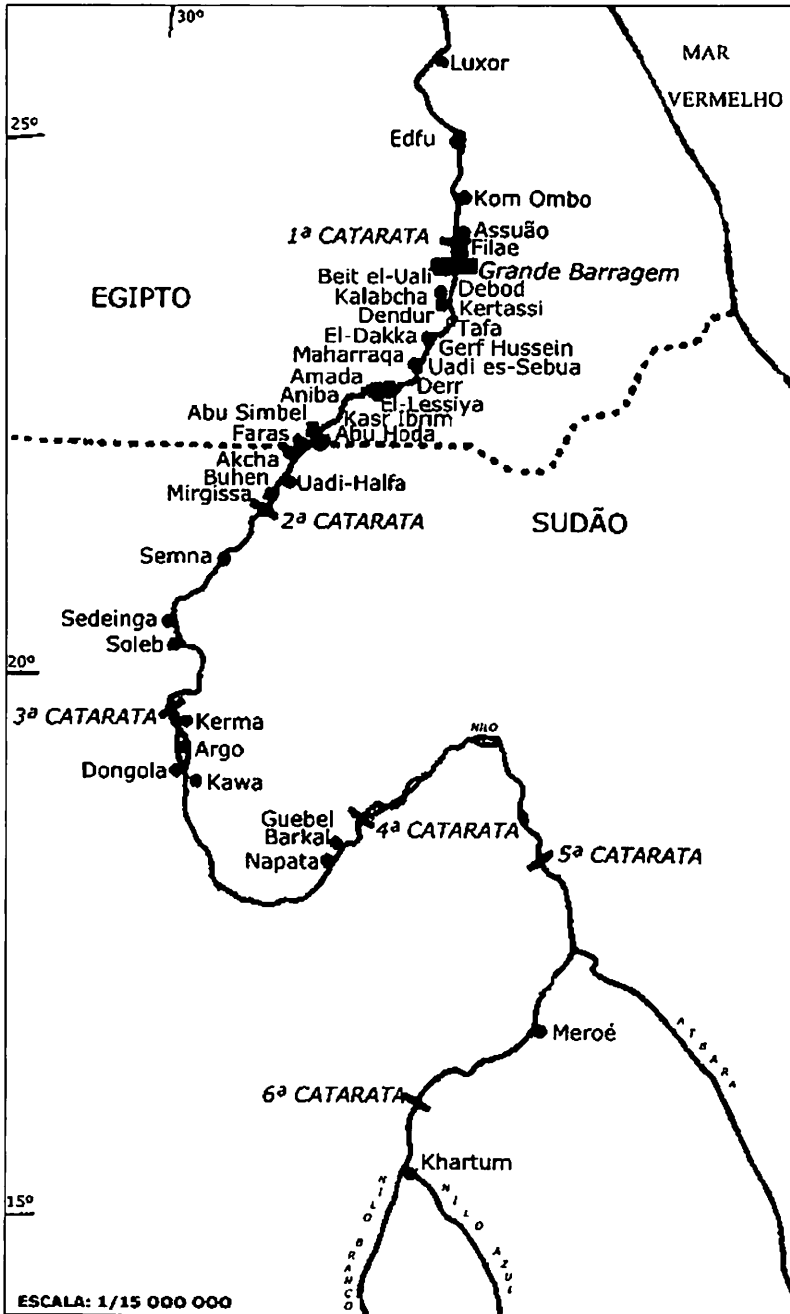
Sob o impulso de Christianne Desroches-Noblecourt e de André Malroux, o Director Geral da UNESCO, René Maheu, apelou aos estados membros para que se envolvessem na maior operação de salvaguarda arqueológica da história. O apelo lançado pela UNESCO para a sensibilidade e solidariedade da opinião pública internacional, que era convidada a conceder ajuda financeira e técnica para resgatar o maior número possível de monumentos, foi, de facto, ouvido e tornou possível montar

---

<sup>23</sup> Estavam nessa situação, isto é, cerca de dez meses por ano imersos e só acessíveis durante dois meses, os templos de Abu Simbel, Debod, Tafa, Kertassi, Dendur, Kalabcha, El-Lessiya, Derr, partes de Uadi es-Sebua e de Filae (Cf. Ahmed Abdel Hamid, Youssef, «Le CEDAE: Bilan et perspective de sauvetage des monuments anciens» in *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte*, p. 35). Já Gaston Maspero, em 1915, dava conta dos trabalhos que, de 1907 a 1910, realizara em templos da Núbia «contre la destruction que menaçait l'élévation des eaux du Nil, produite par le barrage de Assouan, Debôt, Taffah, Kalabchéh, Dandour, Gerf-Husseïn, Ouady es-Séboua, Derr, Ibsamboul» (Gaston Maspero, *L'Égyptologie*, Paris, Librairie Larousse, 1915, p. 22).

<sup>24</sup> De forma mais global, a alteração das condições hidrológicas do Egipto afectou toda a actividade arqueológica: «le grand ennemi de l'égyptologie, c'est maintenant [isto é, em 1968] la modification rapide des conditions hydrologiques du pays» (S. Sauneron, *Ob. Cit.*, p. 76).

<sup>25</sup> O pedido egípcio foi formalizado pelo então ministro da Educação e Cultura, Kamal el-Din Hussein (1922-1999).



Mapa 1 – Os principais locais arqueológicos da Núbia.

uma acção de excepcional envergadura para a salvaguarda dos principais monumentos<sup>26</sup>.

A 8 de Março de 1960, outro Director-geral da época, o italiano Vittorino Veronese, apelou e promoveu uma subscrição mundial para recolher os fundos necessários para a campanha de salvamento. A importância deste apelo solene à ajuda internacional merece a sua transcrição:

*«Les travaux du grand barrage d'Assouan ont commencé. Avant cinq ans, la vallée moyenne du Nil sera transformée en un immense lac. Des édifices prodigieux, qui comptent parmi les plus admirables de la planète, sont menacés d'être submergés par les eaux dont la retenue donnera la fertilité à de vastes étendues de désert. Mais à quel prix effrayant risquent d'être payés les nouveaux champs livrés aux tracteurs, les sources d'énergie promises aux futures usines? [...]. Aussi n'est-il pas étonnant que les gouvernements de la République Arabe Unie et du Soudan se soient adressés à un organisme internationale, à l'Unesco, pour lui demander d'essayer de sauver les richesses en péril. Ces richesses, en effet, dont il est déjà affligeant d'être obligé de dire que la perte peut être prochaine, n'appartiennent pas seulement aux nations qui en sont aujourd'hui dépositaires. Le monde entier a droit à leur pérennité [...], c'est pourquoi j'invite avec confiance les gouvernement, les institutions et les fondations publiques ou privées, et toute personne de bonne volonté, à contribuer au succès d'une œuvre sans précédent dans l'Histoire [...]. Que les peuples s'unissent pour empêcher le Nil, source accrue de fécondité et d'énergie, de devenir le Tombeau liquide d'une partie des merveilles que les hommes d'aujourd'hui ont reçues des hommes de jadis.»<sup>27</sup>*

Em consequência deste «convite», o Serviço de Antiguidades do Egipto e o Serviço de Antiguidades do Sudão receberam apoios de universidades, técnicos e autoridades culturais de todas as partes do mundo. Mais de 50 países ofereceram ajuda técnica e financeira (total de 21 milhões de dólares, 12 milhões dos quais inscritos pelos E.U.A.). Todos

---

<sup>26</sup> É justo salientar a egiptóloga francesa Christiane Desroches-Noblecourt, cujo interesse e tenacidade foram fundamentais para o despertar da sensibilidade mundial, durante os anos 60 do século XX. A conservadora dos museus nacionais franceses fundou um organismo (*Centre de documentation et d'études sur l'ancienne Égypte*) encarregado de levantar plantas, registar as antiguidades faraónicas, reproduzindo-as de forma planimétrica. A acção da UNESCO consistiu, pois, na coordenação do conjunto das escavações, estudos, classificações e salvaguarda de monumentos núbios que então se realizou, com manifesta atenção ao caso dos templos de Abu Simbel.

<sup>27</sup> APUD in Madeleine Peters-Destéact, *Abou Simbel. À la gloire de Ramsès*, Monaco, Éditions du Rocher, 2003, pp. 128, 129.

os monumentos conhecidos entre Assuão e Semna foram minuciosamente estudados. Aliás, o conhecimento dos vestígios arqueológicos do Alto Nilo, a sul da segunda catarata, era muito sumário e foi então extraordinariamente ampliado<sup>28</sup>. A principal preocupação era fazer a prospecção e salvar o máximo de edifícios ameaçados de submersão definitiva pelas águas da nova barragem. Vários projectos de recuperação foram, então, elaborados.

Entre 1960 e 1980 (inauguração do complexo de Filae na ilha de Aguilkia) teve lugar a titânica obra de salvaguarda dos templos e monumentos da Núbia, antecedida da apresentação e discussão de vários projectos e métodos de intervenção (construção de muros de barragem, sobre-elevação dos templos, desmontagem, edificação; armazenagem e aplicação de écrans de protecção, tratamentos e argamassas de ligação a aplicar aos diferentes tipos de materiais líticos, efeitos das explosões de dinamite, do uso de serras eléctricas, das injeções de resina e *polyester* nos monumentos,. Em muitos casos, foi preciso construir diques para conter a subida das águas e trasladar milhares de blocos de pedra. Quando não foi possível resgatar os antigos monumentos (ex.: Gerf Hussein, Kuban, Aniba, Kasr Ibrim), estes foram cuidadosamente escavados e registado o máximo de detalhes sobre eles. O conhecimento sobre a antiga Núbia egípcia (Uauat ou Ta-Seti, o «país do arco») e do seu património arqueológico aumentou, de facto, exponencialmente em resultado destas escavações.

## **Desmantelar aqui para montar ali**

Foram vários os templos e os monumentos que foram desmontados e deslocados para novos locais, acima do nível das águas: além dos dois templos de Abu Simbel (Templo Grande de Ramsés II e Templo Pequeno de Nefertari), foram também trasladados os templos de Amada, El-Derr, Uadi es-Sebua, Maharraqa, El-Dakka, Kalabcha, Beit el-Uali, Filae, fragmentos do templo de Abu Hoda e de monumentos de Kasr Ibrim, o

---

<sup>28</sup> Na sequência destas investigações impulsionadas pela construção da barragem, como diz Jean Leclant, «pays pauvre, simple corridor entre l'Égypte et le reste de l'Afrique, la Nubie est ainsi devenue paradoxalement une des régions archéologiquement les mieux connues du monde» (Cf. Jean Leclant, «Archéologie, historiographie» in *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*, Paris, Enciclopædia Universalis/ Albin Michel, 1998, pp. 62, 63).

quiosque de Kertassi e o túmulo de Penut. No total, 14 templos e monumentos foram salvos e recuperados.

Em sinal de reconhecimento e de compensação pela prestimosa colaboração prestada pela comunidade internacional à recuperação-restituição do património da Baixa Núbia, o governo egípcio doou vários templos a alguns dos países que mais se destacaram nessa campanha. Responsabilizando-se pelos trabalhos e custos de deslocação dos templos envolvidos, da sua futura localização, instalação, conservação e acesso, os países agraciados tornaram-se, assim, proprietários de autênticos tesouros do antigo património núbio.

Em 1963 foi desmantelado e, mais tarde, oferecido aos Estados Unidos da América o templo de arenito de Dendur (originalmente localizado a 77 Km a sul de Assuão, cerca de 20 Km ao sul de Kalabcha), onde ficava a antiga localidade egípcia de *Tehte* ou *Tutzis*. Os 642 blocos do antigo templo (ou melhor do que dele resta: pórtico lítico, pronaos com duas colunas, vestíbulo e santuário -13,5 m x 7 m) construído pelo imperador Augusto, no ano 15 d.C., em honra dos irmãos Peteesi e Pihor (obscuros «santos» locais, provavelmente dois jovens príncipes núbios divinizados, da época da XXVI dinastia<sup>29</sup>), dos deuses núbios Arensnufis e Mandulis e da deusa Satet de Elefantina, foram reagrupados no Metropolitan Museum of Arts de Nova Iorque, constituindo, desde Setembro de 1978, a ala Sackler daquele importante museu americano<sup>30</sup> (Figs. 1 e 2).

Em agradecimento pela participação da Missão Arqueológica Espanhola, a Espanha recebeu, em 1968, o templo de Debod (originalmente situado na localidade egípcia de *Athat*, a dez Km a sul da Grande Baragem), um dos lugares de peregrinação mais importantes de todo Egipto, ao que se supõe em directa relação com o templo de Ísis em Filae (situado a c. 15 Km a norte do de Debod). Desmantelado em 1960-61 pela UNESCO e pelo SAE (Serviço de Antiguidades Egípcias), os c. de 1350 blocos ficaram temporariamente (cerca de dez anos) armazenados, a salvo das águas, em Elefantina. Só em Junho de 1970 foram transportados para Espanha.

---

<sup>29</sup> O culto de defuntos divinizados, como estes «filhos de Kuper», poderoso chefe local, era muito popular na época ptolomaica (Cf. M. Damiano-Appia, «20. La folle équipée des temples nubiens» in *L'Égypte ancienne* 2, p. 167).

<sup>30</sup> Cf. John Baines, Jaromír Málek, *Atlas of Ancient Egypt*, Oxford, Phaidon Press Ltd., 1984, pp. 180, 181.



Figs. 1 e 2 – O templo de Dendur: antes e depois da trasladação  
(Fig. 2: Metropolitan Museum of Arts de Nova Iorque).

Construído na primeira metade do século II a.C. (160 a.C.) pelo rei meroítico Adikhalamani (em honra do deus Amon), o templo foi depois ampliado e reconsagrado à deusa Ísis por Ptolomeu VI Filometor, por Ptolomeu VIII Evérgeta II e por Ptolomeu XII Neos Dionisos Auleta. Os imperadores romanos Augusto e Tibério ficaram também associados à remodelação e decoração da sua sala hipostila.

É a versão alterada deste templo (sem muro delimitando o *temenos* e sem compartimentos adjacentes para uso dos sacerdotes, por exemplo), isto é, com dois pórticos líticos, dois átrios, vestíbulo (com paredes cobertas com cenas sagradas) e santuário, com *naos* monolítico de Ptolomeu XII, que, desde a sua inauguração a 20 de Julho de 1972, é possível ver no Parque del Cuartel de la Montaña, em Madrid, cumprindo uma importante e meritória função didáctica para a maioria dos visitantes (Fig. 3).

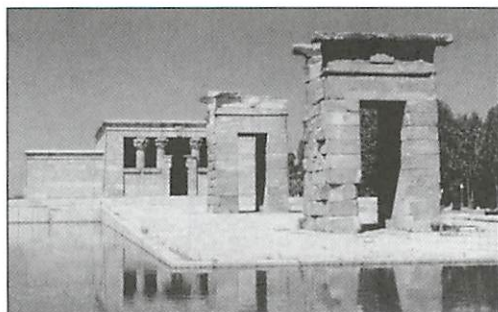
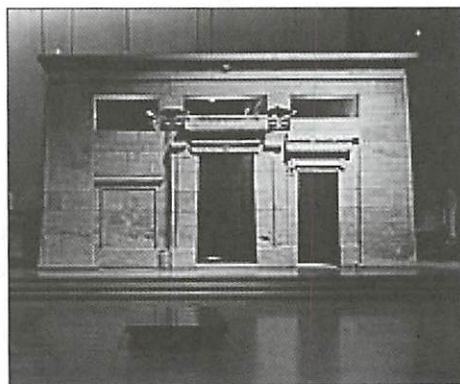


Fig. 3 – O templo de Debdod (Parque del Cuartel de la Montaña, Madrid).

O Rijksmuseum Van Oudheden, de Leiden, recebeu o «templo do norte» de Tafa (assim chamado porque na antiga *Tafhis*, a sul de Kertassi, havia dois templos datados do período romano<sup>31</sup>). Os 652 blocos do elegante e clássico pronaos intacto, sem baixos-relevos, desmantelados em 1960 por uma equipa de arquitectos egípcios e polacos foram reconstruídos, em 1978, numa gigantesca sala do museu holandês, para deleite dos seus visitantes (Figs. 4 e 5).



Figs. 4 e 5 – O templo de Tafa norte: na sua localização original e no Rijksmuseum van Oudheden (Leiden, Holanda).

<sup>31</sup> O «templo do sul», como o próprio nome indica, situado mais a sul, foi destruído no final do século XIX.

Também o Museu Egípcio de Turim expõe actualmente a capela do templo de El-Lessiya (o mais antigo templo rupestre da Núbia), dedicado aos deuses Hórus de Miam (Aniba) e a Satet, que, em 1962, foi oferecida a Itália. O santuário já não tem hoje o pátio original; compõe-se apenas de um átrio e de uma sala arrancados da rocha-mãe, infelizmente sem a policromia que cobria originalmente os seus relevos devido às águas da antiga barragem que o engoliam literalmente durante quase todo o ano.

Construído no século XV a.C., em meados da XVIII dinastia, sob Tutmés III, no local de um antigo templo de Senuseret III, o templo de El-Lessiya conquistado ao grés natural foi um modelo «com sucesso» posterior: seria retomado e desenvolvido por Ramsés II nos Templos Grande e Pequeno de Abu Simbel (Fig. 6).



Fig. 6 – O templo rupestre de El-Lessiya, hoje no Museu Egípcio de Turim.

No Parque Arqueológico de Khartum, no Sudão, em redor do Museu Arqueológico, construído nas margens do Nilo Azul e inaugurado em 1972, foram remontados os templos das fortalezas de Buhen<sup>32</sup>, de Semna

---

<sup>32</sup> Foram resgatados e trasladados para Khartum o templo de Amenhotep II (dedicado a Ísis e Min) e o de Hatchepsut e Tutmés III (consagrado a Hórus de Buhen). Erguido no interior da fortaleza de Buhen (uma das principais fortalezas edificadas pelos faraós do Império Novo), este último templo conserva ainda hoje magníficos baixos-relevos de desfiles de animais e, nas suas colunas e pilares, os nomes de vários vice-reis da Núbia. Vide planta e foto da fortaleza de Buhen in Ian Shaw, Paul Nicholson, *British Museum dictionary of Ancient Egypt*, Londres, British Museum Press, 1995, pp. 56, 57, e um baixo-relevo das paredes do templo de Buhen, mostrando o deus Hórus, «senhor de Buhen», in M. Damiano-Appia, *Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Egypte et des civilisations nubiennes*, p. 74.

Oeste<sup>33</sup>, de Kumma (ou Semna Este<sup>34</sup>) e o túmulo de Debeira Este<sup>35</sup>, entretando desmontados e embarcados sob a direcção do arquitecto alemão Friedrich W. Hinkel do Instituto de História Antiga e Arqueologia da antiga República Democrática da Alemanha (RDA). Situados geograficamente na Núbia egípcia, estes templos estavam, porém, sob alçada política do Sudão e foram, por isso, mantidos em território sudanês<sup>36</sup>.

O pórtico ptolomaico do templo de Kalabcha, inteiramente decorado com cenas de oferendas, foi oferecido ao Museu Egípcio de Berlim como forma de agradecimento pelos trabalhos de desmantelamento, transporte e reconstrução do templo greco-romano de Kalabcha, efectuados pela então República Federal da Alemanha. *Die Wundersteine*, «as pedras maravilhosas», de Kalabcha são hoje uma das grandes atracções do museu.

Infelizmente, não foi possível, como já mencionámos, salvar tudo das águas: o pequeno templo de Hórus em es-Sebua, um dos dois templos de Tafa, Gerf Hussein<sup>37</sup>, a fortaleza de Kuban (XII dinastia), a fortaleza do Império Médio e o templo de Aniba (XVIII dinastia<sup>38</sup>) e as capelas do templo de Kasr Ibrim desapareceram para sempre sob o lago Nasser-Nuba.

---

<sup>33</sup> O templo de Semna Oeste (lat. 21° 30' N; long. 30° 58' E), construído em calcário e datado do reinado de Tutmés III (XVIII dinastia), foi consagrado ao faraó deificado Senuseret III e ao deus núbio Deduen.

<sup>34</sup> O templo de planta quadrangular, localizado na lat. 21° 29' N; long. 30° 59' E, foi construído por Hatchepsut, Tutmés III e Amenhotep II e dedicado a várias divindades, como Senuseret III divinizado e Khnum, o deus da catarata.

<sup>35</sup> O túmulo de Debeira abrigava o príncipe do distrito de Serra (*Teh-nut*), sob o reinado de Hatchepsut (Cf. *Id.*, «20. La folle équipée des temples nubiens», p. 169).

<sup>36</sup> No jardim do Museu de Khartoum estão ainda conservadas as colunas graníticas da igreja de Faras, uma parte do pilone do templo de Akcha, um pórtico e um altar do templo sul de Semna, construído por Taharka (XXV dinastia).

<sup>37</sup> Inteiramente escavado na rocha, com notáveis semelhanças com o Templo Grande de Abu Simbel, embora mais grosseiro e pobre, o templo de Gerf Hussein não pôde ser salvo na íntegra (apenas alguns fragmentos), porque a sua longa imersão na água fragilizara demasiado a grés (Cf. *Id.*, *Dictionnaire encyclopédique*, p.120).

<sup>38</sup> É provável que o templo date do Império Médio (XII dinastia; reinado de Senuseret I), mas a maioria dos vestígios de intervenções de ampliação datam da XVIII dinastia (Império Novo; reinados de Tutmés III e faraós posteriores) – Cf. J. Baines, J. Málek, *Ob. Cit.*, p. 183; M. Damiano-Appia, *Dictionnaire encyclopédique*, p. 50.

## O caso de Abu Simbel: um dos expoentes da recuperação patrimonial egípcia

Todos os exemplos anteriormente referidos, quer de trasladações bem sucedidas em território egípcio, quer de ofertas ao estrangeiro, foram ultrapassadas pelos dois casos mais conhecidos e mais significativos da salvaguarda patrimonial então realizada: estamos, obviamente, a falar de Abu Simbel (Templo Grande e Templo Pequeno) e do complexo de Filae. Sob vários pontos de vista, foram duas extraordinárias proezas da técnica moderna. Face à sua importância, qual visita guiada, vejamos em pormenor alguns aspectos da trasladação de Abu Simbel que, para muitos visitantes, como dizia no séc. XIX Sir Frederick Henniker, é o mais magnífico monumento que se pode encontrar nas margens do Nilo<sup>39</sup>.

Abu Simbel (deformação de Ibsambul ou Abimsil, que era o seu nome no século XIX, segundo a terminologia usada pelos governadores turcos da época) fica localizada a cerca de 280 Km a sul de Assuão, a 70 Km de Uadi Halfa, entre a primeira e a segunda cataratas do Nilo, na margem esquerda do rio<sup>40</sup>. Os templos construídos por Ramsés II, voltados a Este, são autênticos *speos* ou *hipogeus*, isto é, edifícios totalmente escavados na rocha, neste caso de arenito avermelhado, da dupla montanha da região: a sul, a montanha de Méha (Templo Grande) e, a norte, a montanha de Ibchek (Templo Pequeno). Ambos os templos, distanciados cerca de 50 metros, seguem os princípios das construções templárias ao ar livre, procedendo, porém, à sua transposição para um contexto rupestre (Fig. 7)

O Templo Grande, consagrado por Ramsés II ao deus Ré-Horakhti e à sua própria forma divinizada, construído no 30º ano do seu reinado e decorado no 34º, é conhecido como *Per Ramsés Miamon*, «Casa de Ramsés, Amado de Amon», ao passo que o Templo Pequeno foi consagrado a Hathor, senhora de Ibchek (hoje Faras), e à esposa preferida

---

<sup>39</sup> Cf. Madeleine Peters-Destéract, *Ob. Cit.*, p. 60.

<sup>40</sup> Os templos de Abu Simbel foram construídos na região que os antigos Egípcios designavam como Uauat, no fundo a parte setentrional da Núbia (a Baixa Núbia), precisamente entre as primeira e segunda cataratas do Nilo. A zona meridional, até à sexta catarata, a Alta Núbia, era conhecida como Kuch.



Fig. 7 – Vista aérea dos templos de Abu Simbel.

de Ramsés, a rainha Nefertari<sup>41</sup>. A própria designação do templo, «Nefertari para quem o Sol se ergue», manifesta uma amável consideração por parte do faraó.

Qual pilone de entrada, a fachada do Templo Grande, talhada directamente no grés rosa do flanco da falésia, tem 36 metros de largura e 32 metros de altura, e apresenta quatro majestosos colossos sentados, também esculpidos na massa do rochedo, de uma espectacular perfeição de execução, revelando a força divina que os habita (Fig. 8).

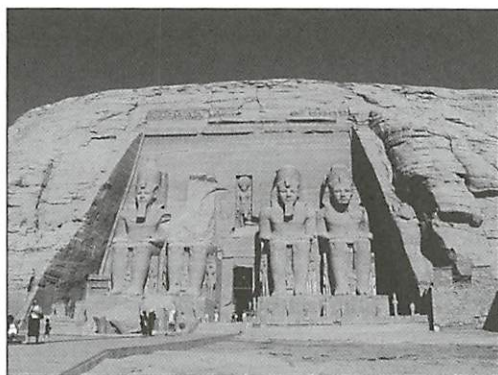


Fig. 8 – Fachada do Templo Grande de Ramsés II, em Abu Simbel.

---

<sup>41</sup> A inscrição do 5º contraforte exterior da fachada do Templo Pequeno é explícita: «Obra do rei do Alto e do Baixo Egipto, “Ramsés, amado de Amon”, para a grande esposa real, “Nefertari, amada de Mut”» (Cf. *Ibid.*, p. 283).

Cada figura real, com as mãos sobre os joelhos, paramentada com os *regalia* (saiote, *nemes* encimado pela dupla coroa com *uraeus*, barba cerimonial), representa, pois, um aspecto divino do faraó e recebeu um nome alusivo: «Governante das Duas Terras», (*Heka-taui*); «Sol dos Governantes» (*Re-en-hekau*); «Amado de Amon» (*Meri-Amon*) «Amado de Atum» (*Meri-Atum*) – enunciados de sul para norte, ou seja, quando olhamos a fachada de frente, da esquerda para a direita (Fig. 9).



Governante das Duas Terras ( <i>heka-taui</i> )	Sol dos Governantes ( <i>Re-en-hekau</i> )	Amado de Amon ( <i>meri-Amon</i> )	Amado de Atum ( <i>meri-Atum</i> )
---	--	--	--

Fig. 9 – Fachada do Templo de Abu Simbel: cada figura de Ramsés II encarnando um seu aspecto divino.

Cada um dos colossos, à altura das pernas, é flanqueado pelos membros da família real: a mãe de Ramsés II, a rainha Mut-Tuya, a grande esposa Nefertari, alguns dos seus filhos (ex.: Amenherkhepechef, príncipe Ramsés) e das suas filhas (ex.: Bintanat, Meritamon, Beketmut, Nefertari II)<sup>42</sup>. Pela primeira vez, um faraó faz-se representar na fachada

<sup>42</sup> A enumeração completa e ordenada é a seguinte: 1º colosso (a contar da esquerda quando voltados para a fachada do templo) – à esquerda, a princesa Nebettaui; ao centro, uma princesa anónima; à direita, Bintanat, filha de Ramsés II; 2º colosso – à esquerda, a rainha-mãe Mut-Tuya; ao centro, o príncipe Amenherkhepechef; à direita, a esposa Nefertari; 3º colosso – à esquerda, outra vez a rainha Nefertari; ao centro, o príncipe Ramsés; à direita, filha real Beketmut; 4º colosso – à esquerda, Meritamon, filha de Ramsés II; ao centro, a princesa Nefertari II; à direita, a rainha-mãe Mut-Tuya (Cf. *Ibid.*, pp. 161-163).

monumental de um templo em companhia da sua família<sup>43</sup>. Sobretudo nos colossos de sul, nota-se a presença de numerosos *graffiti*, em grego, deixados pelos soldados mercenários do exército de Psamtek I (XXVI dinastia) que lutaram na Núbia.

Sobre a porta de entrada no templo, um nicho da fachada mostra o deus solar Ré-Horakhti (com cabeça de falcão e corpo de homem), a receber adoração do próprio Ramsés II (à esquerda e à direita do nicho, num plano mais avançado da superfície), com o ceptro *user* à sua direita e uma estátua da deusa Maet à sua esquerda. Criptograficamente, representa-se assim com os atributos de Ré-Horakhti o *prenomem* real de coroação: *User-Maet-Ré*<sup>44</sup>. No cimo da fachada, rematando-a, um friso de 22 cinocéfalos (babuínos), com 2,30 m de altura cada um, mostra-os dirigindo a sua eterna adoração ao sol nascente para o qual estão directamente orientados<sup>45</sup>.

Quando, a 22 de Março de 1813, o viajante Johann Ludwig Burckhardt (1784-1817) descobre Abu Simbel, o que se descortinava nas areias eram, essencialmente, as cabeças dos colossos. A extraordinária expressividade e tranquilidade dos colossais rostos reais, praticamente esquecidos desde o período romano, conquistaram o orientalista suíço. Foi, todavia, com grande dificuldade que, quatro anos depois (1 de Agosto de 1817), o «arqueólogo»-aventureiro Giovanni Battista Belzoni (1778-1823) penetra, pela primeira vez, no monumento, ainda largamente enterrado na areia, libertando a parte superior da porta da areia que a obstruía.

O estado em que se encontrava o Templo Grande de Abu Simbel fascinou os desenhadores e pintores românticos que nos deixaram vários esboços, desenhos e pinturas do local (exemplo, Linant de Bellefonds, com desenhos e pinturas de 1819).

Quando Jean-François Champollion (1790-1832) visitou o local, a 26 e 27 de Dezembro de 1828, no âmbito da expedição franco-toscana<sup>46</sup>,

---

<sup>43</sup> Cf. C.Desroches-Noblecourt, *Le secret des temples de la Nubie*, Paris, Editions Stock/ /Pernoud, 1999, p. 189. Os colossos de Memnon, por exemplo, representando Amenhotep III (XVIII dinastia), integram também estátuas de Tyi, esposa real, mas não se trata objectivamente da fachada de um templo, como em Abu Simbel.

<sup>44</sup> Cf. J. Baines, J. Málek, *Ob. Cit.*, p. 184; Christiane M. Zivie-Coche, «Abou Simbel» in *Dictionnaire de l’Égypte ancienne*, Paris, Enciclopædia Universalis/ Albin Michel, 1998, p. 11.

<sup>45</sup> Actualmente, apenas subsistem no friso 16 babuínos.

<sup>46</sup> Champollion voltaria ainda a Abu Simbel de 3 a 16 de Janeiro de 1829.

relataria assim a sua entrada e o estado do monumento: «*Le grand temple d'Ibsamboul vaut à lui seul le voyage de Nubie: c'est une merveille (...). C'est un ouvrage digne de toute admiration. (...). À notre arrivée, les sables, et les Nubiens qui ont soin de les pousser, avaient possible le petit passage qu'on avait pratiqué, et nous primes toutes les précautions possibles contre la coulée de ce sable infernal qui, en Égypte comme en Nubie, menace de tout engloutir. Je me déshabillai presque complètement, ne gardant que ma chemise arabe et un caleçon de toile, et me présentai à plat ventre à la petite ouverture d'une porte qui, déblayée, aurait au moins vingt-cinq pieds de hauteur. Je crus me présenter à la bouche d'un four, et, me glissant entièrement dans le temple, je me trouvai dans une atmosphère chauffée à cinquante-deux degrés (...).*»<sup>47</sup>

Embora particularmente difícil para os visitantes, o templo era uma deslumbrante atracção para os viajantes, poetas e pintores. O arquitecto francês Hector Horeau (1801-1872) realizou várias aguarelas aquando da sua visita em 1838 (que editaria em 1840). Também David Roberts (1796-1864) não resistiu, em 1838, a deixar testemunho da sua visita ao local em duas maravilhosas litografias da fachada (Fig. 10). Aliás, o escocês faria ainda várias litografias da primeira sala, do santuário e de uma panorâmica exterior da área de Abu Simbel<sup>48</sup> (Figs. 11-13). Ele próprio escreveria no seu diário, a 9 de Novembro de 1838: «*A beleza e a dimensão do templo não são ultrapassados por nenhum outro monumento egípcio.*»<sup>49</sup>

---

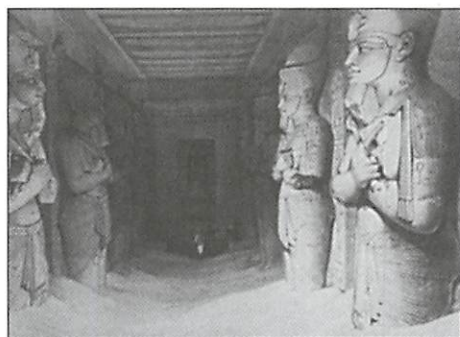
<sup>47</sup> *L'Égypte de Jean-François Champollion. Lettres et journaux de voyage (1828-1829)*, Paris, Image/ Magie, 1998, p. 152.

<sup>48</sup> Cf. David Roberts, *Voyage en Égypte*, Florença, Bonacchi, 2000, pp. 45-47. Cf. *Egitto. Ieri e oggi. Litografie di David Roberts* (texto de Fabio Bourbon; fotografias de Antonio Attini), Vercelli, Edizioni White Star, 1996.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 69. Dos monumentos trasladados, além de Abu Simbel, David Roberts pintou também litografias do quiosque de Kertassi e dos templos de Filae, Kalabcha, El-Dakka, Tafa, Uadi es-Sebua e Maharraqa (Cf. [http://egipto.com/museo/david\\_roberts](http://egipto.com/museo/david_roberts)).



Fig. 10 – Litografia de David Roberts mostrando a fachada do Templo Grande de Ramsés II, em Abu Simbel.



Figs. 11-13 – Mais litografias de Abu Simbel (parte superior da porta de entrada, sala hipostila e santuário) da autoria de David Roberts.

A primeira sala do Grande Templo (17,70 m x 16,50 m x mais de 10 m de altura), com os seus oito pilares quadrangulares, substitui o pátio ao ar livre dos templos de tipo clássico. De um lado e outro da álea central, há quatro estátuas do faraó como Osíris (pilares osíriacos: segurando os ceptros *nekhakha* e *hekat*), adossadas aos pilares (com cerca de 8 m de altura: corpos com 7 m e soclo com 0,55 m), segurando os ceptros *hekat* e *nekhakha*, ostentando a barba cerimonial, a coroa branca, a *pschent* e o saiote-*chendjit*. As quatro estátuas da esquerda (em relação a quem entra) ostentam a coroa branca (*hedjet*), com *uraeus*, ao passo que os quatro «Osíris» da direita têm na cabeça a dupla coroa. As outras três faces dos pilares estão decorados com imagens dos grandes deuses do panteão egípcio da época da construção (Renenutet, Rettauí, Ísis, Min, Ptah, Amon-Ré, Sobek-Ré, Montu, Merimutef, Hathor, Hórus de Buhen, Hórus de Meha, Hórus de Miam, Hórus de Baki, Tot, Onuris-Chu, Ré-Horakhti, Khnum, Anupu, etc.) e com cenas de oferendas de Ramsés II (fumigações e libações, apresentação de alimentos, bebidas e flores).

Nas paredes desta sala estão gravadas inúmeras cenas rituais e textos de carácter militar, nomeadamente na parede norte (lado direito de quem entra), onde está relatada a célebre batalha de Kadech, travada no 5º ano do reinado de Ramsés II, em 1285 a.C., entre os Egípcios e os Hititas de Muwattalis e os seus respectivos aliados da Siro-Palestina<sup>50</sup>. A apresentação pelo faraó de cativos núbios e hititas aos casais divinos Amon/ Mut e Ré-Horakhti/ Iusaas, entre os quais o próprio Ramsés II se fez representar qual «filho divino», terceiro elemento da tríade, domina vários outros registos da primeira sala hipostila.

Na parede sul é possível ver o faraó em poses rituais guerreiras, com arco, flechas, aljava, além de coroas diversas, massacrando os inimigos núbios, líbios e asiáticos, aliás também representados no corredor exterior

---

<sup>50</sup> Como se sabe, apesar das glórias atribuídas pelos baixos-relevos e inscrições da primeira sala a Ramsés II (que ocupam, em vários registos, todos os 17,40 m de comprimento da sala) e apesar do *Poema de Pentauer* que hiperbolicamente se refere ao combate heróico, sozinho, do faraó egípcio, este conflito militar não foi decisivo para nenhum dos contendores e levou à celebração do primeiro tratado de paz de mútua ajuda da História (ano 21 do seu reinado) sendo selado, no ano 34 (ano da decoração do templo), por um casamento diplomático entre o faraó egípcio e Maethorneferuré, a filha mais velha do soberano hitita Hatusilis III (Cf. José das Candeias Sales, «Os fundamentos do poder faraónico – O caso paradigmático de Ramsés II» in *Poder e Sociedade*. Actas das Jornadas Interdisciplinares – 2 a 4 de Novembro de 1995, Vol. I, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, pp. 45-77).

de acesso a esta sala como prisioneiros de mãos atadas atrás das costas.

A segunda sala hipostila é sustentada por quatro pilares quadrangulares, ornados com representações do rei e de deuses egípcios. A primeira sala hipostila honra o rei-guerreiro, ao passo que esta segunda sala evoca a sua função de rei-sacerdote. As cenas rituais de oferendas litúrgicas das paredes mostram, realmente, o faraó e a rainha exercendo uma das funções específicas da realeza: o culto. A partir desta segunda sala abrem-se várias câmaras laterais (duas a sul e quatro a norte), utilizadas como arrecadações das alfaias litúrgicas (incluindo a barca divina portátil).

O santuário de Abu Simbel (pequena sala com 7 x 4 metros, a cerca de 65 metros da entrada), ao contrário do que acontece nos outros templos, não contém qualquer *naos* destinado a abrigar a imagem do deus cultuado. Aqui, os deuses cultuados surgem sentados, talhados na parede rochosa. Estão representados (de sul para norte; da esquerda para a direita de quem os olha de frente) Ptah, Amon, Ramsés II e Ré-Horakhti. Isto significa que, no santuário de Abu Simbel, Ramsés II faz-se representar como igual aos três grandes deuses do panteão egípcio, tradicionalmente adorados em Mênfis, Karnak e Heliópolis, respectivamente. No meio desta sala subsiste ainda a base do local onde era colocada em dias festivos a barca divina portátil que abrigava as efígies dos mesmos deuses. No espaço mais interior do *speos* de Abu Simbel proclama-se, portanto, a divinização em vida do faraó.

Para completar esta visita ao Templo Grande há que mencionar, já no exterior, a norte do terraço (com 38 m de comprimento), um pequeno pátio a céu aberto (40 m de comprimento), destinado à celebração de rituais do culto solar. Este espaço contém, quatro cinocéfalos em adoração ao sol flanqueados por dois obeliscos, um pequeno *naos* protegendo um escaravelho e um cinocéfalo, imagens animais dos deuses Khepri e Tot.

A 150 m do Templo Grande, na colina de Ibchek, o Templo Pequeno de Abu Simbel, denominado «Nefertari, para quem o Sol se ergue», têm, logicamente, uma fachada mais pequena (27 m de largura por 12 m de altura) e diferente: os seis colossos aí representados, com a perna esquerda ligeiramente avançada, estão de pé, talhados nas reentrâncias-nichos criadas entre os sete salientes contrafortes inclinados, todos repletos de profundos hieróglifos incisos (Fig. 14).



*heka-tau meri-Amon*  
(Governante das Duas Terras,  
Amado de Amon)

*Re-en-hekau meri-Atum*  
(Sol dos governantes, Amado de Atum)

Fig. 14 – Fachada do Templo Pequeno de Abu Simbel:  
as estátuas alternadas de Ramsés II e da sua esposa Nefertari.

Com cerca de 10 m de altura, estes colossos estão repartidos em dois grupos simétricos de cada um dos lados da porta (3,45 m de altura por 1,45 de largura), representando o faraó Ramsés II (os dois que flanqueiam a porta de entrada e os dois que enquadram a fachada) e a rainha Nefertari (as duas estátuas centrais de cada lado da entrada)<sup>51</sup>. A rainha surge vestida e coroada (coroa com cornos de vaca encerrando o disco solar encimado por duas altas plumas e segurando contra o peito o sistro hathórico) à imagem de Hathor<sup>52</sup>. O faraó está ladeado pelas estátuas, de tamanho reduzido, dos seus filhos e a rainha das suas filhas<sup>53</sup>. Os dois colossos de Ramsés II, de um lado e de outro da porta de entrada, chamam-se *Heka-tau Meri-Amon* (colosso sul; à esquerda de quem entra) e *Re-en-hekau Meri-Atum* (colosso norte; à direita de quem entra). Isto significa que o primeiro congrega os nomes e as entidades dos primeiro

<sup>51</sup> A estátua de Ramsés II representando mais a sul (à esquerda) na fachada de Ibhek (com a coroa *hedjet* do Alto Egípto) tem 10, 575 m para os 10, 275 m do colosso mais a norte (com a coroa *henu*), que representa Ramsés II como Ptah-Tatenen.

<sup>52</sup> Para Ch. Desroches-Noblecourt, a rainha não está tratada na fachada do Templo Pequeno de Abu Simbel como Hathor mas como Sohis (Cf. C.Desroches-Noblecourt, *Ob. Cit.*, p. 217).

<sup>53</sup> A rainha Nefertari surge acompanhada nos dois colossos pelas suas filhas Henuttaui e Meritamon (referidas de sul para norte). Os dois colossos de Ramsés II junto à porta figuram-no em companhia de duas reduzidas estátuas dos príncipes Paréherunemet e Amenherkhepechef (enunciados também de sul para norte). Nos colossos que enquadram a sul e a norte a fachada do Templo Pequeno, Ramsés II está ladeado pelos filhos Meriatum e Meriré.

e terceiro colossos da fachada do Templo Grande (perspectivados de sul para norte), enquanto o colosso norte da entrada do Templo Pequeno reúne a entidade dos segundo e quarto colossos da fachada do Templo Grande<sup>54</sup>.

A sala hipostila de Nefertari é também mais reduzida e simples do que a de Ramsés II (10,50 m de comprimento X 11 m de largura X 4,50 m de altura na álea central). Os capitéis dos seis pilares quadrangulares representam o rosto de Hathor, encimado pelo sistro-*naos*, nos lados voltados para a nave central. As típicas orelhas de vaca e a pesada cabeleira da deusa atingem aqui todo o seu esplendor, a que a «pega do sistro» tratado em relevo a toda altura do pilar confere enorme elegância.

Nos pilares situados a sul (lado direito de quem entra), é a face norte dos pilares que mostra este tipo de representação, enquanto nos pilares situados a norte (lado esquerdo de quem entra) tal representação figura na face sul. Nas outras faces dos vários pilares estão representadas várias divindades do panteão egípcio<sup>55</sup>.

Há, como no outro templo, cenas de oferendas rituais cumpridas pelo rei e pela rainha e, de um lado e outro da porta, a tradicional cena do sacrifício ritual de um prisioneiro pelo rei, a que assiste, excepcionalmente, neste caso, a rainha.

No vestíbulo, cujas salas laterais não decoradas tornam mais largo que profundo, surge o mesmo tipo de cenas da sala hipostila de entrada, com a especial particularidade de aí se poder observar a deificação da rainha pelas grandes deusas Hathor e Ísis (parede este, lado sul). O afecto de Ramsés II pela sua amada vai ao ponto de também a deificar, o que constitui um acontecimento excepcional, novo, na história da realeza egípcia, uma vez que os ritos de coroação estavam ordinariamente reservados ao rei<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 217, 296 – nota 5.

<sup>55</sup> De forma completa, a lista de divindades representadas nos pilares da sala hipostila do Templo Pequeno são: lado sul – pilar I: além de Nefertari (faces sul e este), surge Hórus de Buhen (face oeste); pilar II: Tot (face este), Maet (face sul) e Satet (face oeste); pilar III: Nefertari (face este), Hathor (face sul) e Ueret-Hekau (face oeste). Lado norte – pilar I: Nefertari (face este); Ramsés (face norte) e Hórus de Miam (face oeste); pilar II: Ramsés (face este); Mut (face norte) e Hórus de Baki (face oeste); pilar III: Khnum (face este), Khonsu (face norte) e Ísis (face oeste). No total (contando com os «deuses» Ramsés e Nefertari), temos 10 divindades femininas e 8 divindades masculinas (Cf. Madeleine Peters-Destéact, *Ob. Cit.*, pp. 302-310).

<sup>56</sup> Cf. *Ibid.*, p. 312. Esta cena da coroação da rainha é associável a uma cena similar (parede sul da sala hipostila), onde Ramsés II surge a ser coroado pelos deuses Hórus e Set.

No santuário, a parede de fundo (parede oeste) representa a vaca Hathor saindo do rochedo interior da montanha, protegendo sob a sua barbeta uma imagem do próprio faraó<sup>57</sup>. A imagética e a temática aqui desenvolvidas retomam os pressupostos característicos dos santuários hathóricos (Deir el-Bahari, por exemplo). Na parede norte do santuário (à direita de quem olha a vaca de frente) volta a frisar-se a deificação do casal real, com uma representação que mostra Ramsés II oferecendo incenso ao rei e à rainha (ou seja, a si próprio e à esposa). Na parede sul, simetricamente, Nefertari cumpre os mesmos gestos perante as deusas Hathor e Mut.

Salvar os dois templos de Ramsés II em Abu Simbel, através da sua decomposição e depois inteira reconstituição noutra local, foi, em todos os sentidos, um trabalho «faraónico», que colocou consideráveis problemas e enormes dificuldades. Pensemos apenas que os colossos da fachada do Templo Grande têm quase 21 m de altura cada um (do solo até ao topo da coroa *pschent*), que cada uma das suas mãos mede 2,64 m, que a largura do rosto (de orelha a orelha) é de 4,17 m, que as orelhas têm 1,06 metros, a boca 1,10 m e o nariz 0,98 m<sup>58</sup>.

Entre Novembro de 1963 e Setembro de 1968 (praticamente cinco anos completos), a partir de um projecto sueco que propunha justamente a desmontagem/ montagem completa dos santuários de Abu Simbel (fachadas e paredes esculpidas e/ ou decoradas), depois de se fotografar, registar em fichas e observar sob todos os pontos de vista e perspectivas, tiveram lugar os trabalhos de salvaguarda de Abu Simbel<sup>59</sup>. O cume das colinas foi arrasado e a pedra, demasiado friável, foi reforçada. O Templo Grande foi decomposto em 807 blocos e o Templo Pequeno em 235

---

<sup>57</sup> O nicho-*naos* é enquadrado por dois pilares hathóricos e por um friso superior de 27 *uraeus*.

<sup>58</sup> Cf. M. Damiano-Appia, *Ob.Cit.*, pp. 23,24.

<sup>59</sup> O desmantelamento da rocha iniciou-se na Primavera de 1965. A 29 de Março de 1965 foi serrado o último bloco da fase de desmontagem. Nos princípios do Outono de 1967 era reposto no lugar o último bloco pertencente à fachada do templo principal. Além do projecto adoptado, houve ainda outras duas propostas, abandonadas: construção de uma espécie de represa em forma de arco que criaria uma enorme cuba, com cerca de 100 m de profundidade, na qual o templo ficaria inserido; encerramento dos dois templos em blocos de cimento, que seriam retirados e transportados depois de se recortar a montanha à sua volta. O primeiro destes projectos propunha a manutenção dos templos nos seus locais originais; o segundo, a sua transferência para outra cota mais elevada.

blocos. No total seriam decompostas, numeradas, armazenadas e recolocadas com o auxílio de camiões, pontes móveis e gruas cerca de 15 000 toneladas de pedra, pesando os 1042 blocos das estátuas, colunas e paredes, com três e cinco metros, entre as três e as trinta toneladas. Estátuas e paredes foram serradas (sem o uso de serras eléctricas, para evitar a prejudicial vibração que acarretam) da falésia-mãe e de novo agrupadas noutra local.

Para ficarem completamente a salvo das águas do lago Nasser, os templos foram reconstruídos numa cota mais elevada (65 metros acima da sua original localização) e cerca de 200 m mais afastados da margem, respeitando, porém, as suas primitivas orientações e posições relativas. É por isso que, duas vezes por ano (20 de Outubro e 20 de Fevereiro), ao amanhecer, durante vinte minutos, os raios do sol nascente ainda penetram no templo pela estreita porta de entrada e iluminam as estátuas do santuário (à excepção da de Ptah)<sup>60</sup>. O efeito pretendido aquando da construção mantém-se depois da recuperação do templo<sup>61</sup>. Aliás, o projecto de trasladação escolhido pressupunha esta recriação paisagística como um objectivo fundamental (Fig. 15).

Uma complexa estrutura de vigas de ferro e betão armado deu resistência às paredes e aos tectos dos templos, que penetram, como originalmente, 65 m (Templo Grande) e 21 m (Templo Pequeno) dentro da montanha. Ergueram-se assim duas colossais montanhas artificiais pesando milhões de toneladas. A colina artificial do Templo Grande, com 60 metros de circunferência, 25 de altura e 45 de longitude, é uma das maiores do mundo, suportando uma carga total de 100.000 toneladas. Na

---

<sup>60</sup> Há quem associe as duas datas do ano em que este fenómeno ocorre aos dias de nascimento (20 de Fevereiro) e jubileu (20 de Outubro de c. 1260) de Ramsés II, aos dias importantes do calendário agrícola egípcio, o início das sementeiras (20 de Outubro) e o das colheitas (20 de Fevereiro), ou, pura e simplesmente, aos solstícios anuais de Verão e de Inverno. A estátua de Ptah, deus residente no mundo ctónico, só é iluminado no seu ombro esquerdo. O «milagre do Sol» ou «a maravilha de Abu Simbel» produziu-se pela primeira vez na nova de localização em Outubro de 1968.

<sup>61</sup> Os técnicos de hoje lograram alcançar o mesmo desiderato dos do passado. Como diz Christiane Desroches-Noblecourt a este propósito: «Les savants-prêtres et architectes avaient calculé cette localisation pour que le soleil puisse pénétrer dans le fond du grand temple à deux périodes très précises de l'année, en tenant compte du mouvement apparent du soleil qui se lève, chaque jour, sensiblement plus vers le nord, à la mesure qu'on se rapproche du solstice d'été, et légèrement plus vers le sud au fur et à mesure qu'on se rapproche du solstice d'hiver» (Ch. Desroches-Noblecourt, *Ob. Cit.*, p. 203).

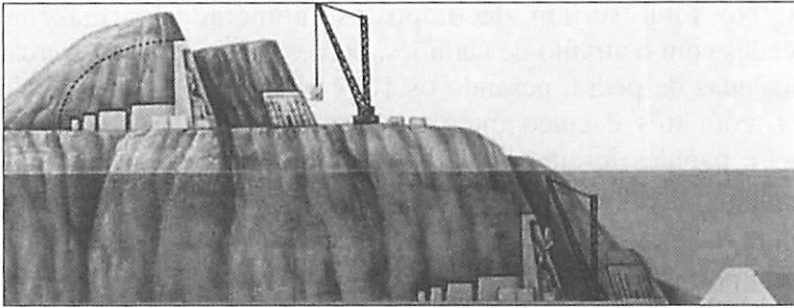


Fig. 15 – Esquema das localizações (inicial e actual) dos santuários trasladados de Abu Simbel: mudou a cota, mas manteve-se a orientação astronómica.

sua construção foram usados 8.000 m<sup>3</sup> de betão. Mais modesta, a cúpula do Templo Pequeno tem uma circunferência de 24 m para uma altura de 9 m.

Verdadeiro prodígio da engenharia moderna, estas montanhas de betão armado, cobertas de propósito com pedra e areia retiradas das escavações, reproduzem a forma das montanhas originais de Méha e Ibchek e testemunham o gigantesco esforço da comunidade internacional para salvar os elementos patrimoniais de Abu Simbel (Fig. 16).

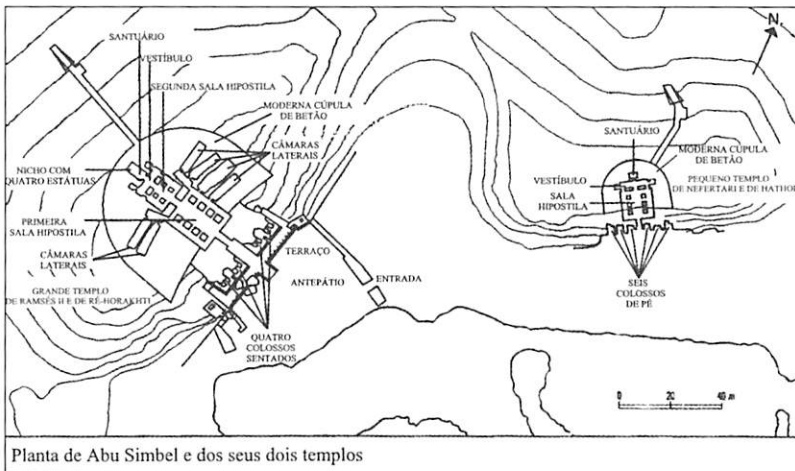


Fig. 16 – Elaborado com base em *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*, p. 12, e John Baines, Jaromír Málek, *Atlas of Ancient Egypt*, p. 184. Atente-se no esquema das cúpulas de ambos os templos.

O texto da placa comemorativa alude à prestimosa colaboração internacional então desenvolvida:

*«In the name of God, the Compassionate, the Merciful. On 29 Gumada al-Akhira A.H. 1388 – 22 September A.D. 1968 with God's help, Gamal Abdul-Nasser, President of the United Arab Republic, unveiled this commemorative plaque to honour both the safeguarding of the two temples of Ramses II at Abu Simbel with their reconstructions on that site, and also as a memorial of international collaboration for preserving a human heritage, after the building of the High Dam at Aswan to ensure welfare and prosperity for the people of Egypt. This task has been achieved through cooperation with Unesco.»<sup>62</sup>*

A «segunda inauguração» do conjunto monumental de Abu Simbel, hoje classificado como Património Mundial pela UNESCO, a 22 de Setembro de 1968, festejada com enorme orgulho pelos organismos directamente envolvidos não foi, certamente, inferior à da sua primeira inauguração em dias de Ramsés II, cerca de 3300 anos antes. Abu Simbel é, sem dúvida, um exemplo do que a vontade dos homens e os prodígios da técnica conseguem fazer pela recuperação do património arqueológico.

No dia da re-inauguração, as palavras de Paulo Berrêdo Carneiro, membro do Conselho Executivo da Unesco, colocaram a tónica justamente nesta vertente:

*«Les architectes et les scribes de Ramsès II peuvent sans crainte revenir à Abou Simbel: ils y retrouveront, tels qu'ils les ont bâtis, les temples dédiés à la gloire de leur maître et de son épouse favorite. Aujourd'hui, comme autrefois, le soleil levant va, deux fois par an, baigner de lumière la statue du roi divinisé, dans les profondeurs de son sanctuaire. Les visiteurs qui, au début du XIX<sup>e</sup> siècle, ont découvert ces monuments ensevelis dans le sable, les Burckhardt, les Belzoni, les Champollion, n'y verraient maintenant rien qui ne fût déjà leurs relevés et leurs dessins. C'est l'honneur de la science et de la technique moderne d'avoir découpé et reconstruit ces temples merveilleux sans en avoir altéré le moindre trait.»<sup>63</sup>*

---

<sup>62</sup> APUD in Madeleine Peters-Destétract, *Ob. Cit.*, extratexto, Fig. 14.

<sup>63</sup> APUD in *Ibid.*, p. 146.

## Conclusão

Quando, em 1968, Serge Sauneron definiu as quatro grandes tarefas da egiptologia, a saber, 1) salvaguardar o património cultural, 2) explorar o material disponível, 3) ampliar o campo das investigações e 4) publicar e difundir o resultado dos seus trabalhos, estava, certamente, influenciado pela excepcional década que se vivera no Egipto e no Sudão e não surpreende, por isso, que tenha concedido a absoluta prioridade à salvaguarda da herança faraónica<sup>64</sup>.

Entre os muitos agentes por ele enumerados que ameaçam, de forma mais ou menos continuada e, por vezes, irreversível, o património construído figuram os elementos naturais<sup>65</sup>. Estes, seja como destruições oriundas do subsolo (lençóis de água subterrânea, paralelos ao Nilo; infiltrações, por capilaridade, de sais, sobretudo nitratos), seja como resultado da subida dos níveis superiores do próprios lençóis freáticos, seja como consequência do ar atmosférico, extremamente quente e carregado de vapor de água devido às grandes superfícies de evaporação constituídas pelo Nilo e pelos canais e, de noite, sujeito à condensação, são factores que fazem perigar os monumentos, pinturas e baixos-relevos que sobreviveram vinte, trinta ou quarenta séculos<sup>66</sup>.

A elevação dos níveis superiores do lençol freático provocada pela construção da Grande Barragem de Assuão constituiu uma efectiva ameaça para os milenares monumentos da Baixa e da Alta Núbia<sup>67</sup>. Só a admirável intervenção de salvaguarda e de recuperação do património

---

<sup>64</sup> Cf. S. Sauneron, *Ob. Cit.*, pp. 30-89. Vide com particular relevo as pp. 30-41. Vide também p. 124.

<sup>65</sup> Sauneron categoriza as destruições do património devidas: a) à obra dos homens («déprédations») e b) às obras dos elementos naturais («les agents de destructions naturels»). Na primeira categoria agrupa as pilhagens, as invasões (políticas e/ou religiosas), o vandalismo dos colecionadores e dos salteadores de tesouros (com as suas escavações e práticas clandestinas), a recolha exaustiva de *sebakh* (adubo natural feito de restos orgânicos deixados nos sítios de antigas ocupações humanas) e o turismo, essa moderna causa de degradação dos locais antigos (Cf. *Ibid.*, pp. 31-34).

<sup>66</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 34-36.

<sup>67</sup> Quando S. Sauneron escreveu a primeira edição de *L'Égyptologie*, os trabalhos de recuperação de Abu Simbel estavam concluídos, mas o problema da ilha de Filae ainda não estava solucionado. Aliás, ele faz alusão directa à «expérience nubienne», referindo explicitamente este contraste então existente entre Abu Simbel e Filae (Cf. *Ibid.*, pp. 38, 39).

arquitectónico levada a cabo, sob os auspícios da UNESCO, por inúmeros técnicos especializados em diferentes áreas (engenheiros, químicos, biólogos, palinólogos, zoólogos, arquitectos, restauradores, historiadores, pré-historiadores, ceramólogos, papirólogos, epigrafistas, bizantinólogos, historiadores do cristianismo, arabistas, africanistas, antropólogos, paleoantropólogos, etc – poucos egiptólogos, propriamente ditos), autêntica proeza da técnica e da tecnologia modernas, permitiu que este valioso espólio da Humanidade não desaparecesse. Como disse S. Sauneron: «(...) sans leur travail difficile, et souvent anonyme, l'égyptologie n'aurait plus bientôt pour s'alimenter que des souvenirs à chercher dans les livres anciens!»<sup>68</sup>. Quem já visitou Abu Simbel (e/ou Filae-Aguilkia) sabe que lhes devemos um justíssimo «Muito Obrigado!»

---

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 39.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV, *Os grandes acontecimentos do século XX*, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1979.
- Shehata ADAM, «Problems related to the preservation of Egyptian antiquities in Egypt» in *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981*, Paris, IFAO, 1981, pp. 165-167.
- Sydney AUFRÈRE, Jean-Claude GOLVIN, Jean-Claude GOYON, *L'Égypte restituée, sites et temples de Haute Égypte (1650 av. J.-C. – 300 ap. J.-C.)*, Tome 1, Paris, Ed. Errance, 1991.
- *L'Égypte restituée, sites et temples des déserts, de la naissance de la civilisation pharaonique à l'époque gréco-romaine*, Tome 2, Paris, Ed. Errance, 1994.
- *L'Égypte restituée, sites et temples et pyramides de Moyenne et Basse Égypte de la naissance de la civilisation pharaonique à l'époque gréco-romaine*, Tome 3, Paris, Ed. Errance, 1997.
- John BAINES, Jaromír MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Oxford, Phaidon Press Ltd., 1984.
- Morris BIERBRIER, Warren DAWSON, Eric UPHILL, *Who was who in Egyptology*, 3<sup>a</sup> ed., Londres, The Egyptian Exploration Society, 1995.
- Maurizio DAMIANO-APPIA, «2. Le Nil perdu, d'Assouan à Khartoum» in *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 19-27.
- «20. La folle équipée des temples nubiens» in *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 163-170.
- *L'Égypte. Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Égypte et des civilisations nubiennes*, Paris, Gründ, 1999.
- Christiane DESROCHES-NOBLECOURT, *La grande nubjade ou le parcours d'une égyptologue*, Paris, Éditions Stock/ Pernoud, 1992.
- *Ramsès II, la véritable histoire*, Paris, éditions Pygmalion, 1996.
- *Le secret des temples de la Nubie*, Paris, Editions Stock/ Pernoud, 1999.
- Christiane DESROCHES-NOBLECOURT, C.-KUENTZ, *Le petit temple d'Abou Simbel*, 2 vols., Cairo, 1968.
- Dicionário do Antigo Egípto* (dir. Luís Manuel de Araújo), Lisboa, Editorial Caminho, 2001.
- Dictionnaire de la civilisation égyptienne* (dir. Georges Posener; colab. Serge Sauneron e Jean Yoyotte), Paris, Fernand Hazan, 1970.
- Dictionnaire de l'Égypte ancienne*, Paris, Enciclopædia Universalis/ Albin Michel, 1998.
- Sergio DONADONI, *L'art égyptien*, Paris, Librairie Générale Française, 1993.
- L'Égypte. Sur les traces de la civilisation pharaonique* (ed. Regine Schulz et Mathieu Seidel), Colónia, Könnemann, s.d.
- Egitto. Ieri e oggi. Litografie di David Roberts* (texto de Fabio Bourbon; fotografias de Antonio Attini), Vercelli, Edizioni White Star, 1996.

- Jean-Jacques FLECHTER, *La moisson des dieux. La constitution des grandes collections égyptiennes (1815-1830)*, Paris, Éditions Julliard, 1994.
- Mireille GIGNOUX, «Le peuple nubien naufragé du lac Nasser» in *Geo*, n° 163, Setembro de 1992, pp. 92-94.
- Jean-Claude GOYON, «La technique de construction du grand temple d'Abou Simbel» in *CdE*, Tome XLII, n° 84, Bruxelles, 1967, pp. 269-280.
- Gerhard HAENY, «Sur certains aspects souvent perdus de vue lors de travaux de restauration» in *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981*, Paris, IFAO, 1981, pp. 75-77.
- Tahani Abdel HAKIM, «Nourrir autant de citoyens que de fellahs» in *Geo*, n° 163, Setembro de 1992, pp. 90-92.
- Christine HOBSON, «Nubian rescue» in *Exploring the world of the pharaohs. A complete guide to ancient Egypt*, Londres, Thames & Hudson, 2002, pp. 172-177.
- Rose-Marie JOURET (dir.), *Thèbes, 1250 av.J.-C. Ramsès II et le rêve du pouvoir absolu*, Paris, Éditions Autrement, 1991.
- Jean LECLANT, *Abou Simbel et la Nubie*, Paris, Institut de France, 1986.
- «19. Menaces sur la IV<sup>e</sup> cataracte», in *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 163-169.
- Jaromír MÁLEK, *Egyptin art*, Londres, Phaidon Press Limited, 1999.
- Lise MANNICHE, *L'art égyptien*, Paris, Flammarion, 1994.
- Gaston MASPERO, *L'Égyptologie*, Paris, Librairie Larousse, 1915.
- Jean-Paul MARI, «Égypte. Les secrets du Haut Nil» in *Le nouvel Observateur*, n° 1993, du 16 au 22 janvier de 2003, pp. 6-14.
- Kazimierz MICHALOWSKI, *L'art de l'Égypte* (nouvelle édition revue et augmentée de Jean-Pierre Corteggianni et Alessandro Roccati; Préface de Nicolas Grimal), Paris, Citadelles/ Mazenod, 1994.
- Jean-Pierre PERONCEL-HUGOZ, «L'identité nubienne sous les eaux du lac Nasser» in *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 11-17.
- Madeleine PETERS-DESTÉRACT, *Abou Simbel. À la gloire de Ramsès*, Monaco, Éditions du Rocher, 2003.
- David ROBERTS, *Voyage en Égypte* (comentário de desenhos de Rita Bianucci), Florença, Bonecchi, 2000.
- Serge SAUNERON, *L'Égyptologie*, 2<sup>a</sup> ed., Paris, PUF, 1978.
- Torgny SÄVE-SÖDERBERGH (dir.), *Victoire en Nubie. La Campagne internationale de sauvegarde d'Abou Simbel, de Philae et d'autres trésors culturels*, UNESCO, 1992.
- Torgny SÄVE-SÖDERBERGH (ed.), *Temples and tombs of ancient Nubia*, Londres, 1987.
- Ian SHAW, Paul NICHOLSON, *British Museum dictionary of Ancient Egypt*, Londres, British Museum Press, 1995.
- P. L. SHINNIE, *Méroe. Uma civilização do Sudão*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974.
- UNESCO, *Abou Simbel. Brochure de l'Unesco. Allocution prononcée lors de la cérémonie marquant l'achèvement des travaux de sauvegarde des deux temples, 22 septembre 1968*, Paris, UNESCO, 1968.

Dominique VALBELLE, *L'Égyptologie*, Paris, PUF, 1991.

Dietrich WILDUNG, *O Egipto. Da Pré-história aos Romanos*, Lisboa, Taschen, 1998.

Richard WILKINSON, *The Complete Temples of Ancient Egypt*, Thames & Hudson, New York, 2000.

Ahmed Abdel-Hamid YOUSSEF, «Le CEDAE: Bilan et perspective de sauvetage des monuments anciens» in *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981*, Paris, IFAO, 1981, pp. 35, 36.

Jean YOYOTTE, *Les trésors des pharaons. Les hautes époques. Le Nouvel Empire. Les Basses Époques*, Genève, Skira, 1968.